

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

TRÊS VEZES JOAN BENNETT

12 e 16 de Junho de 2023

### **SHE WANTED A MILLIONAIRE / 1932**

*À Procura de Um Milionário*

*um filme de John G. Blystone*

*Realização:* John G. Blystone *Argumento:* William Anthony McGuire *a partir de uma história de* Sonya Levien *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): John F. Seiz *Som:* Albert Protzman, E. Claytin Ward *Montagem:* Ralph Dixon (*não creditado*) *Música:* Goerge Lipschultz (*não creditado*) *Direcção musical:* George Lipschultz (*não creditado*) *Direcção artística:* Gordon Wiles *Guarda-roupa:* Dolly Tree (*não creditado*) *Interpretação:* Joan Bennett (Jane Miller), Spencer Tracy (William Kelley), Una Merkel (Mary Taylor), James Kirkwood (Roger Norton), Dorothy Peterson (Mrs. Miller), Douglas Cosgrove (Mr. Miller), Don Dillaway (Humphrey), Tetsu Komai (Charlie), Constantine Rimanoff (Monk), etc.

*Produção:* Fox Film Corporation (EUA, 1932) *Produtor:* John W. Considine Jr., Sol M. Wurtzel (*não creditados*) *Cópia:* UCLA, 35 mm, preto-e-branco, versão original em inglês com falas em francês e legendas electrónicas em português, 72 minutos *Estreia:* 19 de Fevereiro de 1932, em Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal:* 3 de Maio de 1933, no cinema Ódeon/Palácio *Primeira apresentação na Cinemateca.*

#### Nota

Provavelmente decorrentes das características dos primeiros anos do sonoro, as oscilações de volume da cópia 35 mm que vamos apresentar são, embora ligeiras, uma constante ao longo da projecção.

---

Se o título é sonante e o filme relativamente raro, a descoberta é proveitosa. Pelos actores, evidentemente, mas não apenas já que também se encontram óptimos planos, bons achados que, como tantas vezes, suplantam a narrativa: uma jovem doce rapariga, a mais velha de quatro irmãos de uma família pobre, sente-se responsável por ajudar a família quando o pai é vítima de um acidente de trabalho; o milionário de que falava na brincadeira ao pai como resolução dos problemas familiares via contrato conjugal, viria a calhar, e em boa verdade cai-lhe na rifa quando participa num concurso de beleza, que vence, graças ao júri masculino que o dito milionário persuade a elegê-la Miss Universo antes de lhe propor casamento; o jovem confiável ferroviário que está apaixonado por ela e foi quem a candidatou ao tal concurso de beleza afasta-se desportivamente perante o casamento iminente e só volta a entrar em cena um ano depois, quando a asneira se tornou tão óbvia como a proximidade de um desfecho fatal. Que na verdade se dá, há pistolas e uma morte, mas deixando-os ilesos, ou tanto quanto.

O enredo não é especialmente sedutor, mas é sedutor o motivo do comboio a silvar, os planos nocturnos em contra-picado da rapariga entre carris na perspectiva do ferroviário boa pessoa e bem-apegoado ao comando do comboio, uma cena em que alguém tenta recriar em alguém a imagem desejada revelando um olhar doentio em correspondência com uma relação doentia, algumas outras. É como melhor está dito nas *História(s) do Cinema* a propósito de obras-primas clássicas: esquecemos os meandros narrativos, mas lembramos pormenores, adereços, gestos, movimentos de câmara específicos, certos exactos momentos de certos filmes. A isso chama-se cinema. *She Wanted a Millionaire* não é uma obra-prima, faz parte da produção corrente pré-Código com a sua economia narrativa, a sua desenvoltura. Hollywood, início dos anos 1930, antes da censura dos costumes portanto, o que bem se nota nas entrelinhas do assédio, do abuso, de que a protagonista feminina é alvo por parte do mais velho marido, espécie de ilustração-moral, não moralista, de como o dinheiro não traz felicidade. Mesmo na economia dos seus 72 minutos são várias

as notas do abuso tirano e sexual do marido desta história perpetrada contra a jovem inexperiente mulher. Sabemos desde a sequência inicial que a jovialidade da personagem da muito nova Joan Bennett não significa falta de neurónios e de como ela é capaz de despachar um jovem-rico-pedante-pretendente sem aceitar o “short cut to you” que lhe é ligeiramente proposto. O relacionamento conjugal depois esboçado é de pura violência conjugal – talvez o termo *violência doméstica* não se adaptasse à realidade dos anos 1930, mas é o que está em causa na acção dramática, com a ameaça de violação impedida a tiro. A leveza inicial, banho de lago e desfile de raparigas em fato-de-banho incluídos, vai-se afundando numa soturna gravidade que os cenários reflectem. Tal como a expressão da actriz, que muda, entristece, por fim se opõe ao desvario. Entre a disponibilidade jovem de Joan Bennett nos planos em que devolve o olhar ao ferroviário e o seu olhar esmagado na noite em que é exposta como troféu carnavalesco está a cena em que, em Paris, que não é sempre uma festa, a sua personagem é submetida ao tratamento de uma espécie de Madeleine antes de *Vertigo* e de Hitchcock. Com mudança de cor de cabelo e tudo.

Foi com a Fox Film Corporation que Joan Bennett assinou contrato no início dos anos 1930 em que Hollywood despertou para ela. Foram anos de intensidade filmográfica, tanto em produções do estúdio como em incursões sob a forma de actriz cedida, passe a estranheza do termo. A maior parte dos títulos não prima pela entrada na História não obstante as belas excepções. Os filmes em que foi dirigida por Raoul Walsh são parte delas. Idem para os filmes em que contracenou com Spencer Tracy (um deles coincidente). *She Wanted a Millionaire* corresponde à única das ocasiões em que, contracenando com Tracy, Bennett surgiu creditada em destaque, o que não se verifica em *Me and My Gal* realizado por Walsh no mesmo ano, nem no díptico de Vincente Minnelli duas décadas posterior, *Father of the Bride* e *Father's Little Dividend*. Na verdade, *She Wanted a Millionaire* é o primeiro da série dos quatro títulos da bela parelha formada sob o signo da juventude romântica em 1932, em plena era pré-Código, depois retomada nos anos 1950 da meia-idade dos actores então representando papéis de respeitáveis cônjuges pais de família (de Elizabeth Taylor). E Houve quem notasse a curiosidade de os dois Minnelli dos anos 1950 poderem ser vistos como uma espécie de sequela da história do casal de *Me and My Gal*. A ideia tem piada.

*She Wanted a Millionaire* começou a ser filmado no Verão de 1931, sendo a produção suspensa durante alguns meses na sequência de uma queda de cavalo de Joan durante as filmagens *on location* em Stone Canyon que implicou uma operação e uma recuperação delicada. Embora ambos partilhassem anos anteriores no teatro, e no teatro da Broadway, foi durante esta produção que os dois actores da Fox se conheceram, ambos descontentes com as propostas que o estúdio lhes reservada, considerando merecer melhores oportunidades, melhor material de partida. No caso de Spencer Tracy, foi John Ford quem reparou nele na Broadway chamando-o para *Up the River* (1930), que também conta com o estreante Humphrey Bogart. O que está documentado é que a simpatia mútua foi imediata, que seria persistente ao longo dos anos, que foi Tracy quem reparou no projecto de *Me and My Gal* e fez passar a feliz ideia de que seria um bom filme para a dupla. Foi. E entretanto Bennett já encarnara a *Wild Girl* Salomy Jane de Walsh, em modo vagamente western e sobretudo inesquecível no meio da natureza. Neste imediatamente anterior *She Wanted a Millionaire*, as personagens de Jane Miller, uma rapariga do Missouri, e William Kelley, um proletário da ferrovia, protagonizam um melodrama de encontro-desencontro. E bem.

Maria João Madeira